

Boletim Trimestral de Preços e Volumes de Combustíveis

Análise trimestral da evolução dos preços e volumes comercializados dos principais combustíveis no mercado nacional (gasolina C, etanol hidratado, óleo diesel e GLP) e dos preços do petróleo e do gás natural no mercado internacional.

*Versão retificada em 22/07/2021, com ajustes no texto do gás natural



anp
Agência Nacional
do Petróleo,
Gás Natural e Biocombustíveis

Destaques

Tema:

A crise entre OPEP e Rússia e seus impactos sobre os preços do petróleo: condicionantes e perspectivas

Gasolina:

Vendas e preços médios de produção, distribuição e revenda da gasolina C recuaram no primeiro trimestre de 2020

Etanol Hidratado

Preço médio de produção do etanol hidratado no primeiro trimestre de 2020 registrou queda de 15,18% em relação ao 1º trimestre de 2019

Óleo diesel

No primeiro trimestre de 2020, vendas do diesel cresceram 2,52% em relação ao 1º trimestre de 2019, com alta de 39,86% do volume importado

GLP

Volume importado de GLP no primeiro trimestre de 2020 registrou queda de 32,80% em relação ao mesmo período de 2019

Petróleo

Volume de produção e saldo na balança comercial do petróleo alcançaram os maiores valores para primeiros trimestres da série histórica iniciada em 2000: preços e demanda mundial caíram com o rompimento do acordo entre a OPEP e a Rússia

Gás Natural

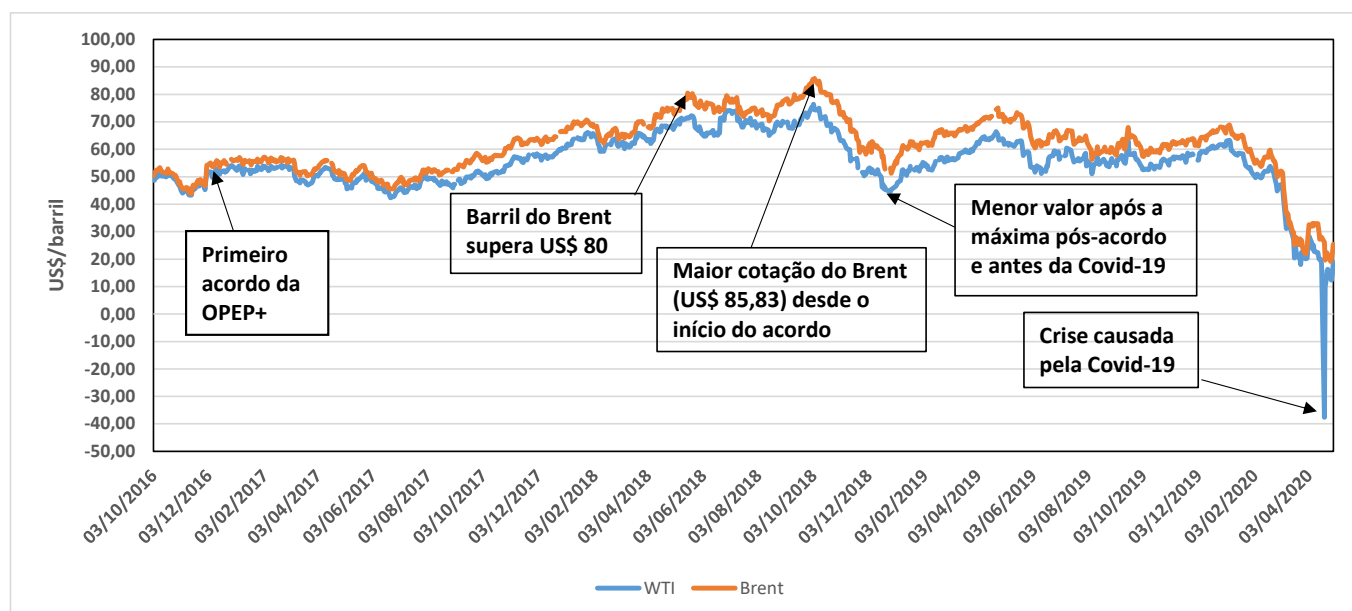
Preços do gás natural registraram baixas históricas nos três principais mercados de referência internacional

A crise entre OPEP e Rússia e seus impactos sobre os preços do petróleo: condicionantes e perspectivas

1. INTRODUÇÃO

No início de 2020, os preços do petróleo no mercado internacional apresentaram uma queda brusca, que teve como deflagrador o rompimento, por parte da Rússia, do acordo do grupo que ficou conhecido como OPEP+, que previa a limitação da oferta de petróleo com objetivo de promover uma sustentação de preços. O rompimento do acordo causou uma guerra de preços entre os maiores produtores, derrubando os preços. Após um período turbulento, o acordo foi revisto para ajustar a oferta mundial de petróleo à retração da atividade econômica mundial e, por consequência, da demanda por petróleo e combustíveis provocada pelo coronavírus.

Gráfico 1: Preço diário da Brent e WTI 1st month (jan/2016 – abr/2020) – US\$/barril



Fonte: S&P Global Platts. Elaboração própria.

Esta não foi a primeira grande oscilação nos preços do petróleo no mercado internacional. Nos últimos 20 anos, o preço do petróleo apresentou grandes oscilações, conforme descrito no Gráfico 1, que utiliza as médias diárias do WTI e Brent estimadas pela S&P Global Platts e enfatizando alguns fatos marcantes ocorridos no período. Diversos fatores contribuem para que o preço oscile tanto. Além do crescimento da economia mundial, sobretudo de países com grande população como a China e a Índia - o que impactou fortemente a demanda -, diversos outros fatores afetaram o lado da oferta, como choques causados por conflitos armados, outros problemas geopolíticos e a viabilização de fontes, cujos investimentos iniciais e custos de extração eram elevados, mas que se mostraram rentáveis a partir da elevação de preços em momentos como 2007 e 2011.

Entre estas fontes recentemente viabilizadas, podemos destacar o pré-sal, o *shale oil* nos Estados Unidos e as areias betuminosas no Canadá. Ainda que inicialmente especialistas no setor de petróleo e gás fossem céticos em relação à viabilidade econômica da exploração dessas fontes e seu impacto na expansão da oferta, a queda nos custos de extração ao longo do tempo demonstrou que o impacto seria permanente, causando reações por parte dos

países membro da OPEP mais a Rússia e outros produtores, que viram a necessidade de enxugar a oferta para sustentar os preços. Apesar de tais medidas não terem um impacto imediato, dada a relativa dispersão da oferta mundial, no longo prazo, o cenário de preços mais baixos acaba por desestimular os investimentos em exploração de novas reservas e impactam a oferta futura, provocando pressão positiva sobre os preços da *commodity*.

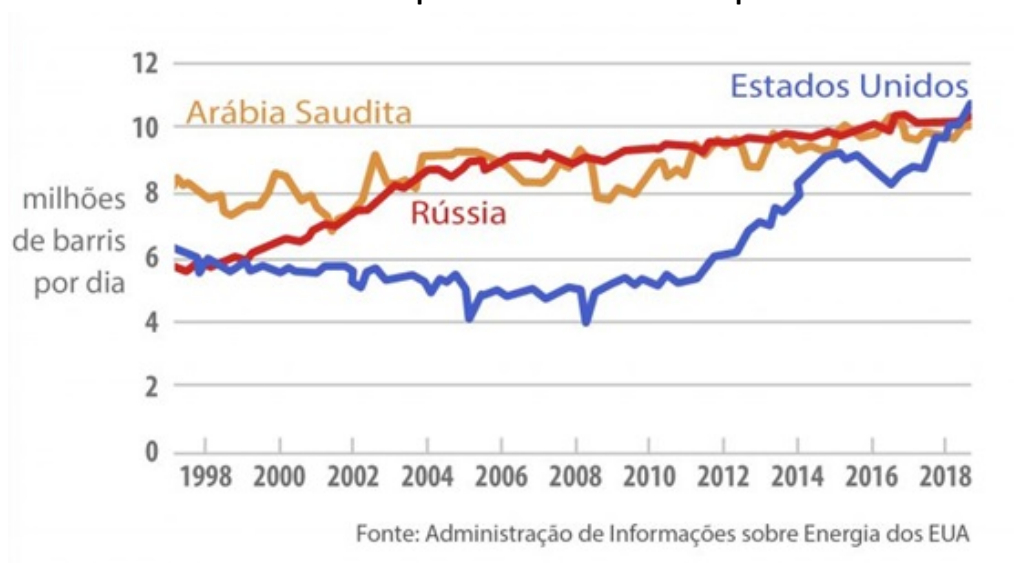
2. As Mudanças na Oferta de Petróleo

Estados Unidos

Dados da EIA apontam para a ascensão dos Estados Unidos, a partir de 2018, como o maior ofertante mundial de petróleo, superando a Arábia Saudita e a Rússia. No mês de agosto de 2018, segundo dados divulgados pela agência de energia dos EUA, a produção americana subiu e bateu o recorde de 11,34 milhões de barris por dia, contra 11,21 milhões da Rússia, de acordo com Ministério de Energia da Rússia¹.

A última vez em que os Estados Unidos lideraram a oferta mundial de petróleo foi em 1975. Em 2014, a produção mundial de petróleo teve um crescimento nunca verificado em anos anteriores, conforme relatório da empresa British Petroleum², com um acréscimo de 2,1 milhões de barris/dia (b/d). Essa expansão só foi possível devido ao crescimento de 1,6 milhão de b/d da produção norte-americana. Ainda de acordo com o mesmo relatório, foi a primeira vez que um país expandiu sua produção em mais de um milhão de b/d por três anos consecutivos.

Gráfico 2: Oferta de petróleo dos três maiores produtores



Fonte: EIA (2020)

Esse grande salto na produção em curto espaço de tempo só foi possível graças àquela que ficou conhecida como a revolução do xisto. Em um intervalo de nove anos, entre 2009 e 2018, o país superou Rússia e Arábia Saudita e passou a ser o maior produtor de petróleo do mundo.

¹ EUA assume posto de maior produtor de petróleo do mundo. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2018/10/31/eua-assume-posto-de-maior-produtor-de-petroleo-do-mundo.ghtml>.

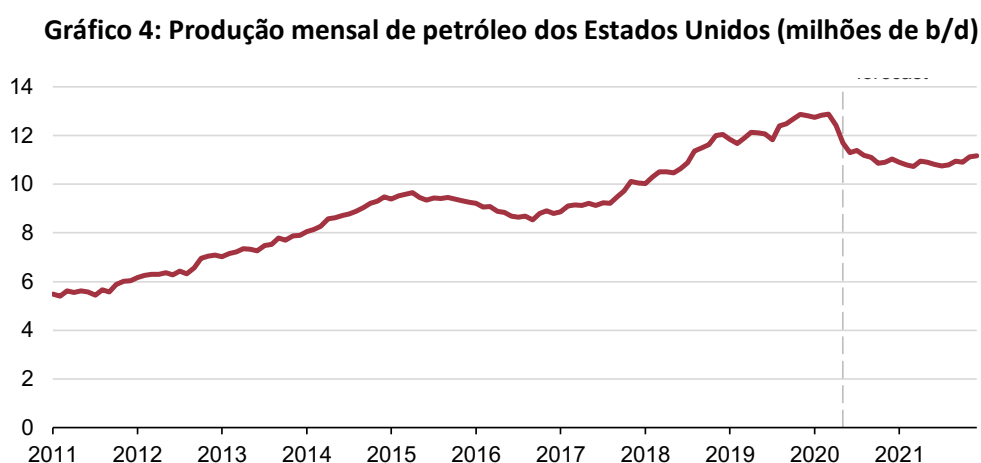
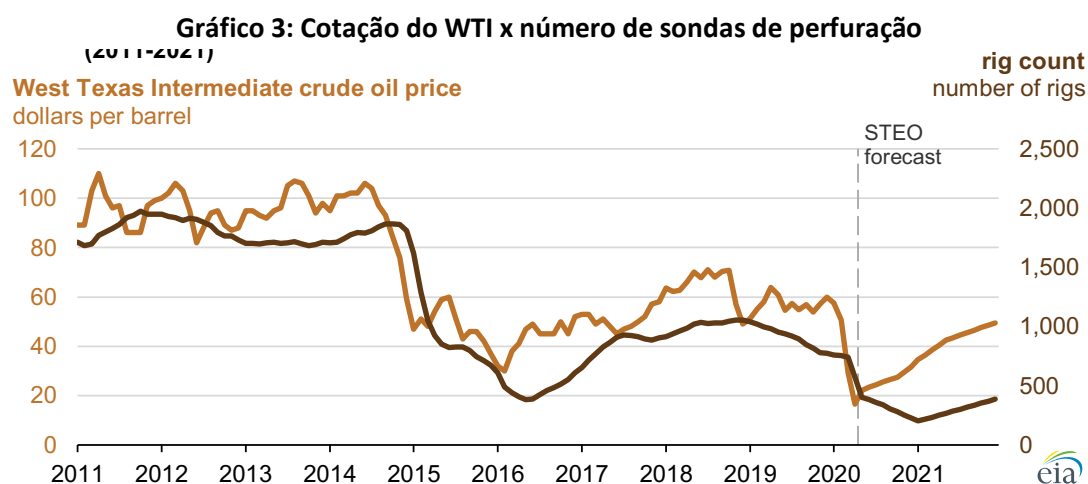
Acesso em: 19 maio 2020.

² EUA passam a ser maior produtor mundial de petróleo. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/2015/06/eua-passam-a-ser-maior-produtor-mundial-de-petroleo.html>.

Acesso em: 18 maio 2020.

A forte alta do preço do petróleo a partir de 2010 foi determinante para impulsionar o *shale oil* americano, que tinha inicialmente um alto custo para exploração. Como ocorre com outras fontes de petróleo denominadas *não convencionais*, os custos iniciais elevados foram decaindo ao longo do tempo, o que tornou estas fontes competitivas mesmo em momentos em que os preços eram mais baixos. De acordo com Prade³ (2016): “Os recursos não convencionais vêm sendo estudados desde a década de 1970, mas apenas na virada do século a produção dos não convencionais ganhou escala devido ao sucesso das novas tecnologias, resultando em um significativo aumento da produção de petróleo e gás do país”. Ainda segundo Prade, a descoberta do pré-sal, outra fonte não convencional, só foi possível devido aos avanços na tecnologia das sísmicas, que tornou possível a visualização dos recursos que se encontravam abaixo da camada de sal, a um nível de profundidade nunca explorado ou conhecido anteriormente.

A produção dos Estados saiu de uma média de 6 milhões de b/d no início de 2012 para 12,5 milhões de b/d nos primeiros meses de 2020, antes da pandemia, com uma breve interrupção em 2015 e 2016, por conta da brusca queda dos preços no período, conforme mostram os Gráficos 3 e 4. O Gráfico 3 mostra, ainda, como o número de sondas de perfuração acompanha diretamente os preços.



³ O papel do Estado na inovação: o não convencional nos EUA e o Pré-sal no Brasil. Disponível em: <https://infopetro.wordpress.com/2016/11/07/o-papel-do-estado-na-inovacao-o-nao-convencional-nos-eua-e-o-pre-sal-no-brasil/#more-6904>. Acesso em: 19 maio 2020.

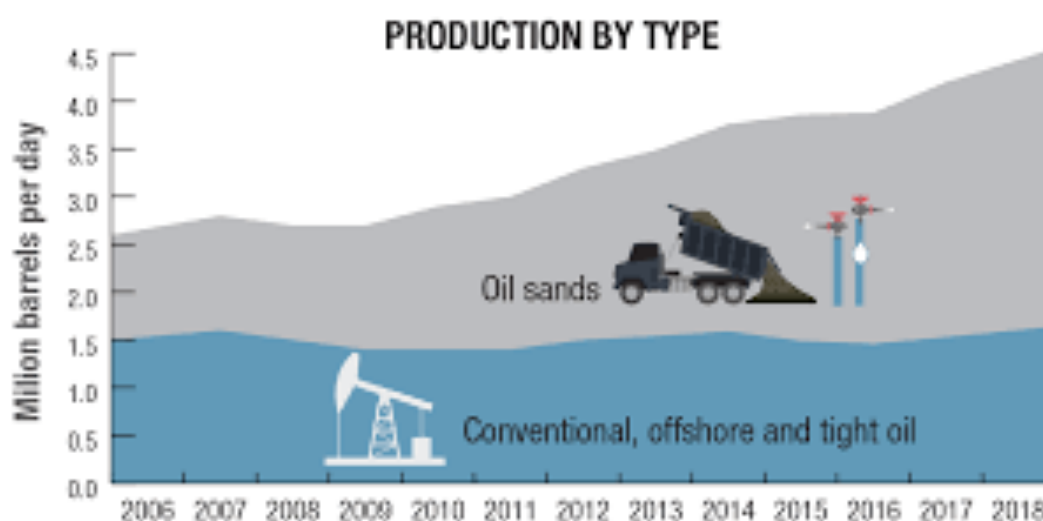
Essa expansão do *shale oil* fez com que os Estados Unidos deixassem de ser o maior importador de petróleo do planeta para se tornarem exportadores líquidos. Com isso, a China passou, pela primeira vez, a superar os EUA como maior importador líquido de petróleo do planeta - particularmente a partir de abril de 2015, quando a China importou 7,4 milhões de b/d, e os Estados Unidos importaram 7,2 milhões de b/d⁴.

Em pouco mais de duas décadas, a China multiplicou por sete suas importações de petróleo, em razão das altas taxas de crescimento de sua economia, enquanto os Estados Unidos diminuíram as importações de dez milhões para pouco mais de sete milhões de barris diários por conta do sucesso na exploração do *shale oil*.

Canadá

Segundo o Energy Fact Book 2019-20, anuário estatístico divulgado pelo governo do Canadá, o país possui atualmente a terceira maior reserva provada de petróleo, sendo que 96% desta reserva advém das areias betuminosas. Ademais, o país ocupa a quarta posição no ranking da produção e exportação de petróleo. Em 2018, 95% das exportações canadenses de petróleo foram direcionadas para os Estados Unidos⁵.

Gráfico 5: Produção de petróleo do Canadá por fonte



Fonte: Energy Fact Book 2019-20 (2020)

A partir de 2010, a produção de petróleo a partir das areias betuminosas superou a produção oriunda de fontes convencionais. Em 2018, a produção diária média de petróleo nas areias betuminosas foi de 2,9 milhões de b/d, enquanto todas as outras fontes (convencional, *offshore* e *tight oil*) totalizaram 1,6 milhão de b/d. Em termos

⁴ China supera EUA como maior importador mundial de petróleo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/11/economia/1431346903_947768.html. Acesso em: 24 maio 2020.

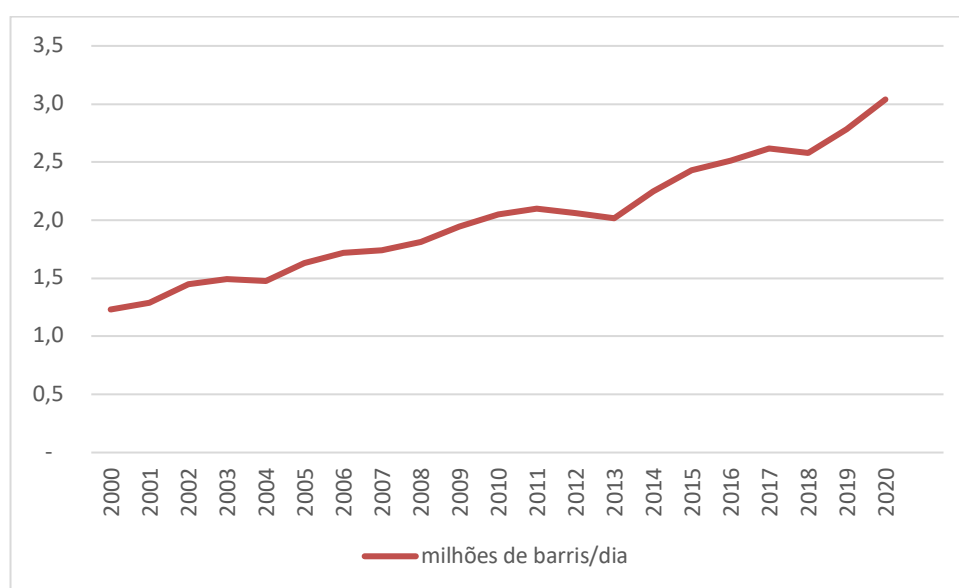
⁵ Energy Fact Book 2019-20. Disponível em: https://www.nrcan.gc.ca/sites/www.nrcan.gc.ca/files/energy/pdf/Energy%20Fact%20Book_2019_2020_web-resolution.pdf. Acesso em: 24 maio 2020.

percentuais, 64,4% da produção foi obtida através da exploração das areias betuminosas. As exportações canadenses, nesse mesmo ano, foram de 3,7 milhões de b/d⁶.

Brasil

Outro país que apresentou grande crescimento nos últimos anos em sua produção foi o Brasil, graças à exploração do pré-sal. A produção do pré-sal teve início em setembro de 2008, no campo de Jubarte, na porção capixaba da Bacia de Campos. Seis anos após o primeiro óleo, o pré-sal já produzia 500 mil b/d. Passados oito anos, os campos do pré-sal já produziam um milhão de b/d. De acordo com a Petrobras: “A tecnologia teve papel fundamental nesse processo. As condições peculiares do pré-sal impulsionaram os técnicos da companhia e parceiros a conceber inovações de ponta para desenvolver essa camada. Essas inovações foram reconhecidas mundialmente pelo prêmio da Offshore Technology Conference (OTC), considerado o Oscar da indústria, por nós recebido em 2015.”⁷

Gráfico 6: Produção de petróleo do Brasil (milhões de b/d)



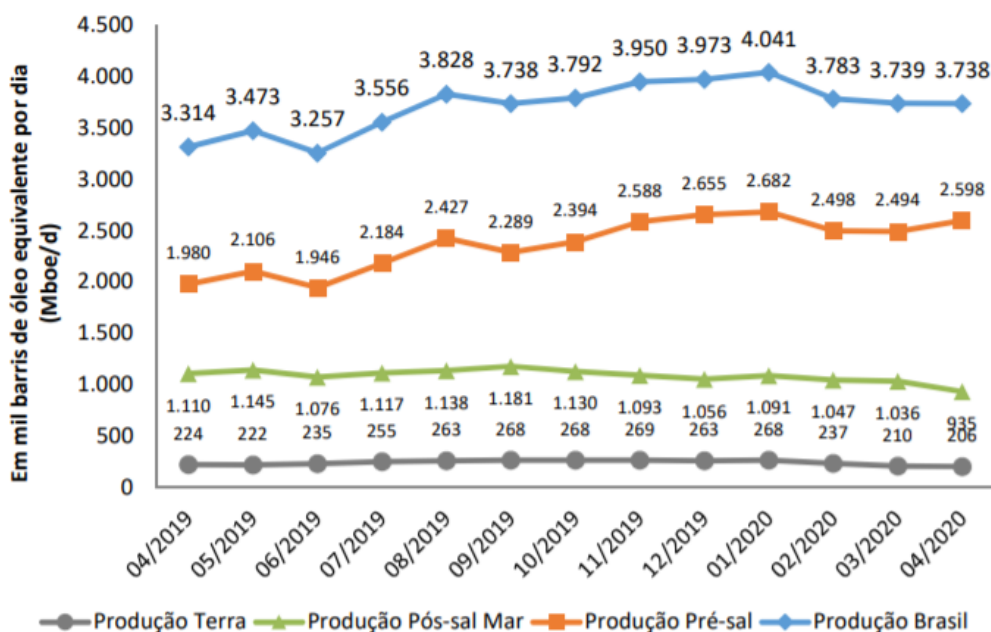
Fonte: ANP (2020)

Em abril de 2020, quase 12 anos após a extração do primeiro óleo, o Brasil produziu aproximadamente 3,0 milhões de b/d, sendo que nos campos do pré-sal foram produzidos quase 2,1 milhões de b/d, o que representou cerca de 70% de todo o petróleo produzido no mês. A produção de petróleo em abril de 2020 subiu 13,6% em relação ao período do ano anterior⁸. Observa-se claramente que, no caso do Brasil, a produção do pré-sal foi a grande responsável pela expansão da oferta e que alçou o país a um novo patamar entre os produtores. O gráfico a seguir mostra a evolução da produção de petróleo e gás ao longo dos últimos doze meses, evidenciando o aumento da participação do pré-sal.

⁶ Energy Fact Book 2019-2020. Disponível em: https://www.nrcan.gc.ca/sites/www.nrcan.gc.ca/files/energy/pdf/Energy%20Fact%20Book_2019_2020_web-resolution.pdf. Acesso em: 25 mai. 2020.

⁷ Completamos dez anos de produção no pré-sal. Disponível em: <https://petrobras.com.br/fatos-e-dados/completamos-dez-anos-de-producao-no-pre-sal.htm>. Acesso em: 31 maio 2020.

⁸ Pré-sal já responde por quase 70% da produção nacional. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/noticias/5779-pre-sal-ja-responde-por-quase-70-da-producao-nacional>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Gráfico 7: Evolução da produção onshore e offshore – Pré-sal x “Pós-sal” (Mboe/d)

Fonte: ANP/SDP/SIGEP (2020)

3. A Oferta da OPEP

Ao longo dos últimos vinte anos, a oferta dos países da OPEP oscilou entre 25,4 milhões de b/d em 2002, ano de retração da economia mundial após os atentados de setembro de 2001, e 31,7 milhões de b/d em 2016. Entre 2000 e 2019, a produção média anual dos países da OPEP foi de 29,9 milhões de b/d, ao passo que a produção anual dos países não pertencentes à OPEP variou de 48,9 milhões de b/d em 2000 até 69,8 milhões de b/d em 2019. Com exceção dos anos de 2012 e 2016, em todos os anos a produção média anual dos países não pertencentes à OPEP foi maior ou igual àquela do ano anterior. A demanda e a oferta total ajustam-se e pequenas diferenças são compensadas por variações nos estoques⁹.

A participação da produção da OPEP em relação à oferta total decaiu ao longo dos últimos anos, variando de um máximo de 37,6% em 2005 até 29,6% em 2019, quando pela primeira vez a participação do cartel foi inferior a 30% da oferta total.

Praticamente todo o acréscimo de produção de 2000 até 2019 deveu-se à expansão da produção dos países não pertencentes à OPEP, sobretudo a partir da segunda década deste século, devido ao aumento da produção a partir de fontes não convencionais em países que não fazem parte da OPEP.

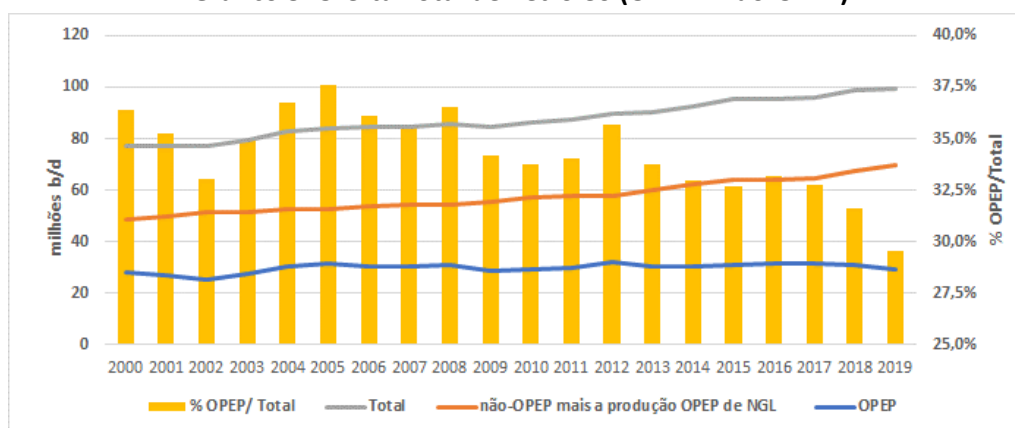
Se a produção total dos membros da OPEP cresceu pouco nas duas últimas décadas, chegando inclusive a atingir o menor valor médio diário desde 2011, a distribuição desta produção entre os integrantes mudou bastante pelos mais diversos motivos. O caso mais marcante é o da Venezuela, que segundo dados da OPEP, produzia 3,1 milhões de b/d em 1998, caindo para 2,3 milhões de b/d em 2015, 1,4 milhões de b/d em 2018 e inacreditáveis 793 mil b/d em 2019. No ano de 2019, além da Venezuela, outros países tiveram quedas de produção, com destaque para a Arábia Saudita,

⁹ Historical Production Data. Disponível em https://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/335.htm. Acesso em: 27 nov. 2020.

Irã¹⁰ e Angola. Em contrapartida, a Líbia - em guerra civil desde 2011, com a queda do ditador Muammar Gaddafi -, apresentou alta considerável na sua produção, a passando de 404 mil b/d em 2015 para 1,2 milhão de b/d em 2019.

Parte da retração da oferta de petróleo pelos países da OPEP a partir de 2017 é explicada pelo acordo entre os países da OPEP e o grupo liderado pela Rússia, que, a partir de janeiro 2017, buscaram, por meio de sucessivas reuniões, reduzir a oferta mundial de petróleo, evitando uma queda maior nos preços. Por meio deste processo, o grupo que ficou conhecido como OPEP+ visou reduzir em 1,8 milhão de b/d a oferta de petróleo, e com isso, sustentar os preços.

Gráfico 8: Oferta Total de Petróleo (OPEP x não-OPEP)



Fonte: OPEP (2020) e elaboração própria.

Tabela1: Produção dos países de OPEP em mil b/d (2015-2019)

	2015	2016	2017	2018	1Q19	2Q19	3Q19	4Q19	2019	Change 2019/18
Algeria	1,113	1,105	1,047	1,042	1,026	1,019	1,021	1,022	1,022	-20
Angola	1,769	1,718	1,634	1,505	1,443	1,420	1,390	1,350	1,401	-104
Congo	232	216	252	317	326	332	325	315	325	8
Equatorial Guinea	185	160	133	125	115	114	119	122	118	-7
Gabon	214	221	200	187	209	212	204	209	208	22
Iran, I.R.	2,836	3,515	3,813	3,553	2,726	2,403	2,189	2,113	2,356	-1,197
Iraq	3,974	4,392	4,446	4,550	4,635	4,699	4,752	4,633	4,680	129
Kuwait	2,764	2,853	2,708	2,745	2,715	2,692	2,655	2,688	2,687	-58
Libya	404	389	811	951	965	1,154	1,103	1,163	1,097	146
Nigeria	1,838	1,556	1,658	1,718	1,736	1,786	1,842	1,777	1,786	67
Saudi Arabia	10,142	10,406	9,954	10,311	10,019	9,769	9,452	9,846	9,770	-541
UAE	2,908	2,979	2,916	2,986	3,068	3,076	3,096	3,135	3,094	108
Venezuela	2,319	2,154	1,911	1,354	975	776	714	714	793	-560
Total OPEC	30,698	31,663	31,484	31,344	29,958	29,452	28,862	29,087	29,336	-2,008

Fonte: OPEP (2020)

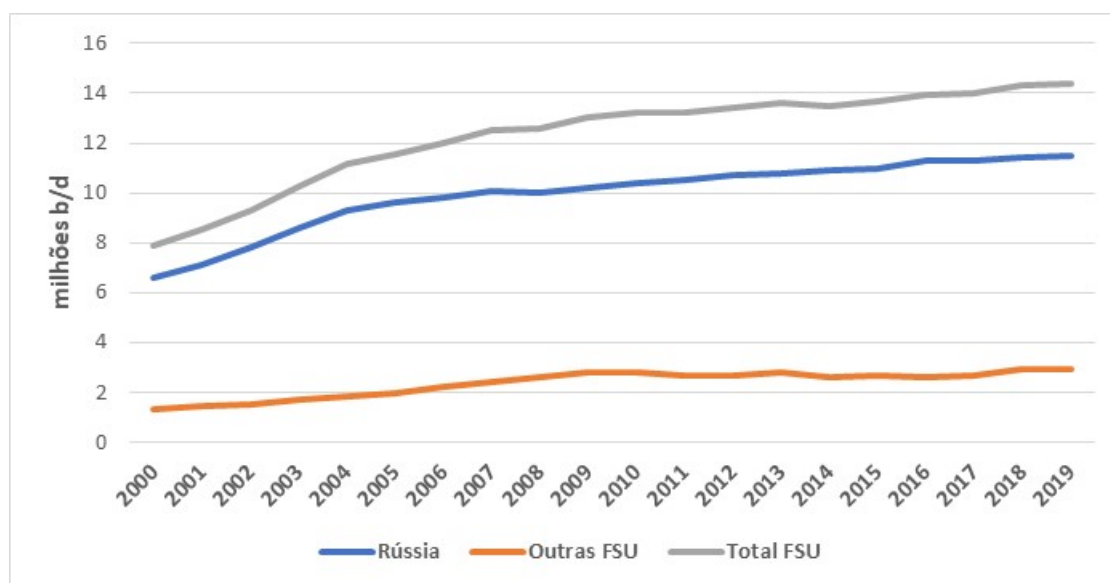
¹⁰ O Irã foi punido pelas sanções aplicadas pelos Estados Unidos, que o impedem de vender seu petróleo no exterior. Ademais, o país foi afetado por uma onda de protestos populares, que causaram instabilidade política e econômica. “Irã mantém voz própria na Opep, apesar da queda em sua produção”. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/12/04/interna_internacional,1105872/ira-mantem-voz-propria-na-opep-apesar-da-queda-em-sua-producao.shtml#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20C3%BAItimo,n%C3%ADvel%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%202017. Acesso em: 17 jun. 2020.

3.1 A Aliança OPEP-Rússia e os acordos para reduzir a oferta de petróleo

A Rússia sempre se destacou na oferta de gás natural, sendo inclusive responsável por grande parte do abastecimento do continente europeu. No que se refere ao petróleo, a produção da Rússia, acrescida à das demais antigas repúblicas da União Soviética, cresceu consideravelmente entre 2000 e 2019.

Gráfico 9: Produção de petróleo da Rússia e antigas repúblicas soviéticas



Fonte: OPEP (2020) e elaboração própria.

As FSUs eram responsáveis por 10,4% da oferta global de petróleo em 2000, percentual que alcançou 14,4% em 2019, em razão do acréscimo de 6,6 milhões de b/d na produção das FSUs no período. Do total do petróleo produzido pelas FSUs em 2019, aproximadamente 80% foi proveniente da Rússia. Estes números tornam evidente a importância de uma aliança entre a Rússia, ex-repúblicas soviéticas e a OPEP para qualquer estratégia que vise o controle da oferta mundial de petróleo e dos preços da commodity. Em 2019, as FSUs, em conjunto com a OPEP, foram responsáveis por 51% da oferta total de petróleo.

Neste contexto, foi celebrado um acordo inicial para limitar a oferta de petróleo pelo bloco, no dia 30 de novembro de 2016. Foi a primeira vez em oito anos que os 14 países do cartel concordaram em limitar a produção para conter a queda de preços. O acordo passaria a valer a partir de 1º de janeiro de 2017. A Rússia concordou em cortar 300 mil b/d, correspondentes a metade da cota de 600 mil b/d solicitados aos países de fora do cartel¹¹. Para a Arábia Saudita, o corte deveria ser equânime para todos os países, principalmente Iraque e Irã, segundo e terceiro maiores produtores do cartel, respectivamente. O Irã, que havia retomado as suas exportações no início de 2016 após o fim das sanções internacionais, pediu para ficar de fora dos cortes de produção. Já no final de setembro de 2016, em uma reunião em Argel, os países membros da OPEP haviam estabelecido uma meta de baixar a produção para um volume entre 32,5 e 33 milhões de b/d¹².

¹¹ Opep alcança acordo para reduzir produção de petróleo. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/opep-alcanca-acordo-para-reduzir-producao-de-petroleo>. Acesso em: 30 jun. 2020.

¹² Opep alcança acordo para reduzir produção de petróleo. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/opep-alcanca-acordo-para-reduzir-producao-de-petroleo>. Acesso em: 04 jul. 2020.

Conforme descrito no Gráfico 1, é possível observar que após a entrada do acordo em vigor no início de 2017, o preço do petróleo subiu rapidamente. Em 29/11/2016, a cotação do Brent fechou em US\$ 46,70. No dia seguinte, quando o acordo foi celebrado, o preço subiu para US\$ 50,04. Um dia após o fechamento do acordo, o preço já tinha subido para US\$ 54,24. Em 3 de janeiro de 2017, primeiro dia útil do ano, com o acordo já em vigor, o barril do Brent foi cotado a US\$ 56,39, quase 10 dólares acima do valor que vigorou um dia antes da reunião em Viena que selou o corte de produção. Os preços mantiveram-se no patamar acima dos 55 dólares até o dia 8 de março, quando começaram a cair, encerrando o mês em US\$ 52,56. Em 8 de maio de 2017, pela primeira vez após o acordo, o barril caiu abaixo dos 50 dólares. Desde então, o preço oscilou bastante, chegando a atingir US\$ 45,60 em 23 de junho, quando os preços iniciaram uma trajetória de alta. Em 29 de dezembro de 2017, o Brent atingiu US\$ 66,67 o barril. A estratégia dos membros da OPEP mais a Rússia e outros países signatários, ao enxugar o excesso de oferta do mercado, parecia ter sido bem-sucedida.

Para a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), quatro fatores influenciaram a elevação dos preços no segundo semestre de 2017: (i) aumento das tensões no Oriente Médio, com acirramento dos conflitos entre Arábia Saudita e Irã, bem como o crescimento das disputas entre o Iraque e os curdos; (ii) perspectiva de extensão do acordo de corte de produção entre os países da OPEP e outros países exportadores; (iii) forte crescimento da demanda no 2º trimestre de 2017; e (iv) intensa temporada de eventos climáticos no Golfo do México¹³.

A trajetória de elevação foi mantida até outubro/2018 e, em 23 de março de 2018, o barril do Brent ultrapassou o patamar de 70 dólares pela primeira vez após a celebração do acordo. Menos de dois meses depois, no dia 17 de maio de 2018, o barril ultrapassava a barreira dos 80 dólares, ainda que este preço não tenha se sustentado nos meses seguintes, voltando a superar os 80 dólares em 24 de setembro de 2018.

Depois de atingir US\$ 85,83 em 4 de outubro de 2018, maior nível após o acordo, as cotações entraram em uma trajetória de queda, como fica claro no Gráfico 10. No dia 13 de novembro de 2018, o barril atingiu US\$ 66,85, aproximadamente 19 dólares de queda em pouco mais de um mês, e no dia 28 do mesmo mês, caía abaixo dos 60 dólares. Em 28 de dezembro de 2018, o barril do Brent alcançou US\$ 51,29, menor valor após a alta recorde e o período de recuperação que se seguiria, e que seria interrompido com as disputas entre Arábia Saudita e a Rússia e, posteriormente, com a crise gerada pela Covid-19. O corte de produção não foi suficiente para estabilizar os preços em um nível mais elevado por um tempo maior. A causa apontada para a queda de preços tão acelerada foi o crescimento da oferta de petróleo, sobretudo nos Estados Unidos, em ritmo mais acelerado que o crescimento da demanda. Ademais, as tensões econômicas entre China e Estados Unidos apontavam para um cenário futuro de desaceleração da economia mundial¹⁴.

O ano de 2019 começou com uma reação dos preços do Brent, que se mantiveram acima dos 60 dólares durante a maior parte do primeiro trimestre e superaram, pela primeira vez no ano, o patamar dos 70 dólares no dia 5 de março. No final de maio de 2019¹⁵, os preços voltaram a cair abaixo dos 70 dólares/barril. As causas apontadas para esta queda nos preços foram os estoques elevados nos Estados Unidos, os mais altos desde julho de 2017, e o temor da

¹³ EPE - Comportamento dos Preços do Petróleo no Mercado Internacional no 2º Semestre de 2017. Disponível em: <https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-267/IN-EPE-DPG-SPT-02-2017%20-%20Pre%C3%A7o%20internacional%20do%20petr%C3%B3leo.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

¹⁴ Preços do petróleo desabam 8% para o menor nível em mais de 1 ano. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/11/23/precos-do-petroleo-caem-para-minima-em-2018-apesar-de-planos-da-opec-por-cortes-de-producao.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2020.

¹⁵ Preço do petróleo despenca e caminha para a semana mais fraca em 6 meses. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/05/preco-do-petroleo-despenca-e-caminha-para-a-semana-mais-fraca-em-6-meses.shtml?origin=uol>. Acesso em: 06 jul. 2020.

guerra comercial entre este país e a China. Em 6 de agosto de 2019, o Brent era cotado abaixo dos 60 dólares/barril. O motivo apontado para essa queda, que levou o barril do petróleo à menor cotação em sete meses, era a continuação da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, alimentada pelas declarações do presidente Trump de impor tarifa de 10% sobre mais US\$ 300 bilhões em importações chinesas a partir de primeiro de setembro daquele ano¹⁶. No terceiro trimestre de 2019, os preços pareciam ter se estabilizado em torno dos US\$ 60/barril, quando ocorreu o ataque por meio de drones a duas das principais instalações petrolíferas da Arábia Saudita. Esse atentado elevou rapidamente os preços do petróleo na abertura do mercado, com o Brent 1st subindo 12,5%, alcançando US\$ 67,93/b. Havia a expectativa em relação aos desdobramentos dessa ação terrorista, o que elevou as tensões do mercado, contudo, nos dias seguintes os preços começaram a cair e, em 30 de setembro, a cotação do Brent era inferior àquela que alcançada no dia anterior ao ataque às refinarias, mostrando que os impactos dos ataques sobre a alta dos preços haviam sido dissipados. Assim que ficou claro que a produção da Arábia Saudita tinha sido pouco afetada, os preços iniciaram uma trajetória de queda¹⁷.

Em novembro de 2019, os preços do petróleo mantiveram-se acima dos US\$ 60/b durante todo mês, com tendência de alta no mês seguinte, encerrando o ano com o barril cotado pouco acima dos 67 dólares. Em 6 de dezembro de 2019, os países que formam o OPEP+ concordaram em elevar o corte de produção para 1,7 milhão de b/d, um acréscimo de 500 mil b/d em relação ao corte proposto desde o início do acordo. Ainda assim, a OPEP já apontava em fevereiro de 2020, no início da pandemia, que esses cortes não seriam suficientes para conter a queda do preço do petróleo devido à retração da atividade econômica. Inicialmente, os países da OPEP+ estavam dispostos a realizar mais um corte de produção de 600 mil b/d na reunião que ocorreria em março, além dos 1,7 milhão de b/d negociados anteriormente¹⁸.

Os impasses entre os principais membros responsáveis pelo acordo para o corte de produção aumentaram, pois Rússia e Arábia Saudita discordavam da maneira como o acordo poderia ser prorrogado. Os membros da OPEP+ resolveram atrasar a reunião que ocorreria no dia 6 de março, onde havia a expectativa de um corte maior para conter a queda de preços causada pelo aumento do número de infectados pelo coronavírus. No dia 5 de março, a OPEP sugeriu que o grupo de países do OPEP+ realizassem um corte de produção de 1,5 milhão de b/d, o que representaria cerca de 1,5% da oferta mundial. De acordo com a proposta, a Opep se responsabilizaria por uma redução de 1 milhão de barris e os aliados da OPEP+, pelos 500 mil b/d restantes. Os russos não concordaram com a proposta e optaram por estender o corte de 1,7 milhão de b/d até junho de 2020, mantendo assim o que foi acordado na reunião de dezembro do ano anterior¹⁹.

A falta de um consenso entre os membros da OPEP+ foi sentida no dia seguinte, quando o preço do petróleo despencou nos dias que se seguiram à reunião cancelada, com queda de 11,4% e 20,1% nos dias 06 e 09/03/2020, respectivamente, com o barril atingindo US\$ 36,76 na cotação do Brent 1st Month. Essa queda forte no preço ocorreu

¹⁶ Preços do petróleo caem para mínimas de 7 meses com tensões comerciais. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/07/precos-do-petroleo-caem-para-minimas-de-7-meses-com-tensoes-comerciais.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2020.

¹⁷ Preço do petróleo tem forte queda após Arábia Saudita retomar produção. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/09/preco-do-petroleo-tem-forte-queda-apos-arabia-saudita-retomar-producao.shtml>. Acesso em: 06 jul. 2020.

¹⁸ Oferta mundial de petróleo cai em janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/economia/2020/02/16/oferta-mundial-de-petroleo-cai-em-janeiro-de-2020-1360147>. Acesso em: 07 jul. 2020.

¹⁹ Opep+ atrasa reunião com oposição da Rússia a novo corte na oferta. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/03/06/opep-atrasa-reuniao-com-oposicao-da-russia-a-novo-corte-na-oferta.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

depois que a Arábia Saudita elevou sua produção e reduziu os preços oficiais de venda, somada ao aumento da produção de petróleo para o mês de abril como forma de retaliação à oposição russa²⁰.

Os preços continuaram em queda após a reação árabe, atingindo menos de 30 dólares por barril no dia 16 de março. No dia 30 de março, o barril do Brent alcançou US\$ 21,85. No dia 12 de abril de 2020, os 23 países do grupo OPEP+, por meio de uma reunião virtual, decidiram de forma unânime reduzir a produção de petróleo em maio e junho em 9,7 milhões de b/d. Entre julho e dezembro, o corte e produção cairia para 7,7 milhões de b/d. O México concordou com os cortes na produção, mas não com o volume de 400 mil b/d que teria que reduzir na sua oferta. Os Estados Unidos, mesmo não sendo signatários do acordo, concordaram em reduzir sua produção em 300 mil b/d para compensar o México²¹. Desses 9,7 milhões de b/d cortados, a Arábia Saudita e Rússia concordaram em reduzir sua produção em 5 milhões de b/d, sendo o restante distribuído proporcionalmente entre os outros membros. Este acordo ocorreu exatos 34 dias após o rompimento entre a Arábia Saudita e a Rússia devido à discordância em relação aos cortes na produção de petróleo²².

Após uma breve reação em abril, o preço superou o patamar dos 30 dólares, para voltar a cair na segunda quinzena do mês, mesmo após a reunião da OPEP+, chegando a bater US\$ 19,67 no dia 21/04/2020, menor valor desde fevereiro de 2002. No dia 20 de abril, o preço do WTI chegou a fechar com valor negativo de US\$ 37,63, algo nunca ocorrido anteriormente. Diante de uma queda tão grande nos preços, o presidente Trump pediu para que seu gabinete criasse um plano para injetar dinheiro na indústria petrolífera do país para ajudá-la a sobreviver em um ambiente de preços historicamente baixos²³. Os custos de produção no *shale oil* são elevados, e os planos de investimento das empresas não contemplavam preços tão baixos para o recurso fóssil.

Após essa queda abrupta nos preços em abril, teve início uma recuperação em maio, com os preços superando as máximas alcançadas em março. Essa recuperação foi influenciada pelos cortes de produção capitaneados pela OPEP+ e pelo crescimento na demanda à medida que governos reduziam as restrições sobre a movimentação de pessoas adotadas contra a Covid-19²⁴. No último dia útil de maio, o barril do Brent 1st Month já superava os 35 dólares.

Em nova reunião ocorrida no dia 6 de junho de 2020, os integrantes da OPEP+ decidiram estender o corte de 9,7 milhões de b/d até o fim do julho, após os preços quase terem duplicado nos últimos dois meses, depois que o cartel reduziu a oferta mundial em aproximadamente 10%. Segundo a agência Reuters, Arábia Saudita e Rússia desejam que o preço fique estabilizado em torno de US\$ 50/b, mas que não suba muito acima deste nível para permitir que o *shale oil* norte-americano não volte a ser competitivo²⁵. Segundo a Bloomberg, Arábia Saudita e Rússia podem se considerar vitoriosos pelo acordo, contudo, passaram uma semana persuadindo Iraque, Nigéria e outros países a cumprirem suas obrigações. Além disso, ainda de acordo com a Bloomberg, a OPEP+ será mais rigorosa para punir os países que não

²⁰ COVID-19 x Opep x Rússia. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/covid-19-x-opep-x-russia>. Acesso em: 06 jul. 2020.

²¹ Países da OPEP chegam a acordo para cortes na produção de petróleo. Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2020/04/12/paises-da-opep-chegam-a-acordo-para-cortes-na-producao-de-petroleo.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²² OPEP e Rússia fazem acordo para reduzir oferta de petróleo e segurar os preços. Disponível em <https://www.moneytimes.com.br/opep-e-russia-estenderao-cortes-na-producao-ate-o-fim-de-julho/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²³ Barril do petróleo Brent fecha abaixo de US\$ 20, no menor nível desde 2002. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/21/barril-do-petroleo-brent-cai-para-menos-de-us-20-nivel-mais-baixo-desde-2001.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²⁴ Preços do petróleo têm máximas desde março com queda em estoques e melhora na demanda. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/21/precos-do-petroleo-tem-maximas-desde-marco-com-queda-em-estoques-e-melhora-na-demanda.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²⁵ OPEP e Rússia estenderão cortes na produção até o fim de julho. Disponível em <https://www.moneytimes.com.br/opep-e-russia-estenderao-cortes-na-producao-ate-o-fim-de-julho/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

se adequarem corretamente aos cortes de produção estabelecidos em maio e junho. Os países que não implementarem 100% dos cortes de produção em maio e junho, terão que fazer reduções adicionais de julho a setembro²⁶. Iraque e Nigéria são países que produziram além da cota estipulada pelo cartel em maio e junho²⁷.

Após ter atingido US\$ 38,84/b no dia 12/06/2020, o barril manteve-se sempre acima dos 40 dólares a partir do dia 14/06. A JMMC (sigla em inglês para Comitê Conjunto de Monitoramento Ministerial) tem feito pressão para que os países cumpram as regras do acordo. Na reunião de 6 de junho foi estabelecido que a partir de agosto o corte de produção promovido pela OPEP+ será de 7,7 milhões de b/d até dezembro de 2020 e de 5,8 milhões de b/d de janeiro de 2021 até abril de 2022²⁸.

No dia 3 de julho foi noticiado que o ressurgimento do número de infectados pelo coronavírus, principalmente nos Estados Unidos, poderia ameaçar a recuperação da economia mundial e, sobretudo, a recuperação da demanda por petróleo. Diversas cidades dos Estados Unidos voltaram a impor restrições à economia depois do surgimento de novos casos de infectados pela Covid-19. Além disso, a tensão entre membros da OPEP e seus aliados, incluindo a Rússia, poderia levar a um rompimento do acordo para os cortes na produção. Caso outros países continuem a desrespeitar o acordo, principalmente Nigéria e Angola, a Arábia Saudita ameaçou reiniciar uma guerra de preços, inundando o mercado com petróleo barato²⁹.

Enquanto uma vacina para o coronavírus não for desenvolvida e aplicada em grande parte da população em escala global, o mundo continuará suscetível a episódios de fechamento das atividades econômicas, impedindo uma recuperação mais consistente e acelerada da economia mundial.

Conclusão

A redução dos preços do petróleo ocorrida no final do primeiro trimestre de 2020 parece ter tido como gatilho o rompimento, por parte da Rússia, do acordo do grupo que ficou conhecido como OPEP+, com vistas a sustentar os preços da *commodity* frente à retração da economia mundial provocada pela pandemia do Covid-19. Contudo, para melhor compreender e projetar movimentos de preços do petróleo no mercado internacional frente a um determinado comportamento da sua demanda, é necessário compreender de forma mais complexa a composição da oferta mundial de petróleo e sua evolução recente, assunto que foi objeto desse texto.

A maior parte dos países que ancoram suas economias no setor de óleo e gás depende fortemente das receitas petrolíferas para sustentar gastos públicos. É por isso que políticas da OPEP que causam cortes na oferta são difíceis de ser mantidas no longo prazo, haja vista o estímulo para burlar o acordo e produzir um pouco além da cota estipulada, ou, alternativamente, os custos que alguns países enfrentam por manter acordos. A OPEP, apesar de possuir as maiores reservas (70,1% do total em 2018³⁰), atualmente é responsável por menos de 30% da oferta. O país

²⁶ OPEP+ concorda em estender corte de produção de petróleo até o fim de julho. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/oep-concorda-em-estender-corte-de-producao-de-petroleo-ate-o-fim-de-julho/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

²⁷ OPEP e Rússia estenderão cortes na produção até o fim de julho. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/oep-e-russia-estenderao-cortes-na-producao-ate-o-fim-de-julho/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²⁸ Petróleo: Commodity em alta com maior cumprimento de metas de corte de produção por membros. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/acoes/relatorios/petroleo-commodity-em-alta-com-maior-cumprimento-de-metas-de-corte-de-producao-por-membros/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²⁹ Petróleo cai com controvérsias da OPEP e casos do coronavírus. Disponível em: <https://spacemoney.com.br/petroleo-cai-com-controversias-da-oep-e-casos-do-coronavirus/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

³⁰ Anuário Estatístico da ANP – 2020. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/publicacoes/anuario-estatistico/anuario-estatistico-2020#Se%C3%A7%C3%A3o%201>. Acesso em: 06 jul. 2020.

com maiores reservas provadas é a Venezuela, mas além do elevado custo de produção e da desarticulação do setor petrolífero, enfrenta fortes problemas políticos, econômicos e sociais.

De acordo com dados da OPEP, o custo de produção de um barril de petróleo é de menos de US\$ 9 na Arábia Saudita, US\$ 27,62 no Brasil e US\$ 34,99 na Venezuela. O Brasil é o 15º país com maior volume de reservas provadas com 12,7 bilhões de barris³¹. Com custos de produção tão díspares, é possível que grandes produtores com custos baixos possam manter uma guerra de preços por longo tempo, como ocorre com a Arábia Saudita, ainda que as contas públicas do país tenham apresentado grande desequilíbrio em anos recentes após a queda do preço do petróleo.

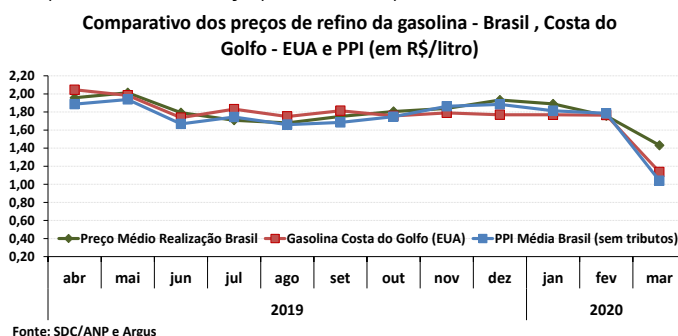
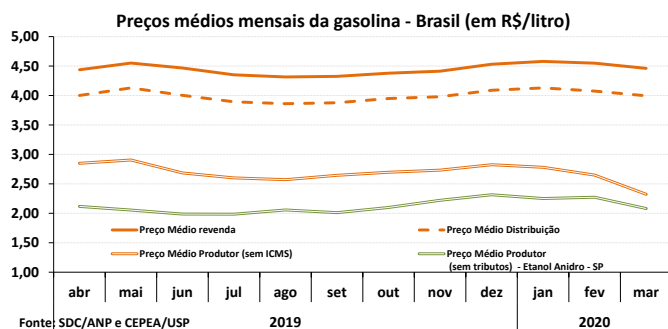
³¹ Quais são os países com as maiores reservas de petróleo e por que isso não é sempre um sinal de riqueza. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47795371>. Acesso em: 07 jul. 2020.

GASOLINA C

Vendas e preços médios de produção, distribuição e revenda da gasolina C recuaram no primeiro trimestre de 2020

No primeiro trimestre de 2020, o preço médio de revenda da gasolina comum apresentou queda de 1,52% ao longo do período, para R\$ 4,462/litro. Houve alta de 1,06% no mês de janeiro (R\$ 4,579/litro) e recuos de 0,63% e 1,93%, respectivamente, nos meses de fevereiro (R\$ 4,550/litro) e março (R\$ 4,462/litro), tendência similar à verificada para os preços médios de distribuição. Na comparação entre os preços médios de revenda nos meses de março de 2019 (R\$ 4,305/litro) e de 2020, houve avanço de 3,65%.

Na etapa de distribuição, registrou-se queda de 2,27% do preço médio da gasolina comum no primeiro trimestre, para R\$ 3,996/litro. Houve variação positiva de 0,98% no mês de janeiro (R\$ 4,129/litro), seguida de baixas de 1,28% em fevereiro (R\$ 4,076/litro) e de 1,96% em março (R\$ 3,996/litro). Na comparação com março de 2019 (R\$ 3,872/litro), foi registrada alta de 3,20%. Já o preço médio dos produtores e importadores da gasolina A apresentou queda de 17,75% na comparação com o valor registrado no último trimestre de 2019, e de 13,44% na comparação anual. Os preços recuaram 1,51% em janeiro (R\$ 2,782/litro), 4,76% em fevereiro (R\$ 2,650/litro) e 12,31% em março (R\$ 2,324/litro).



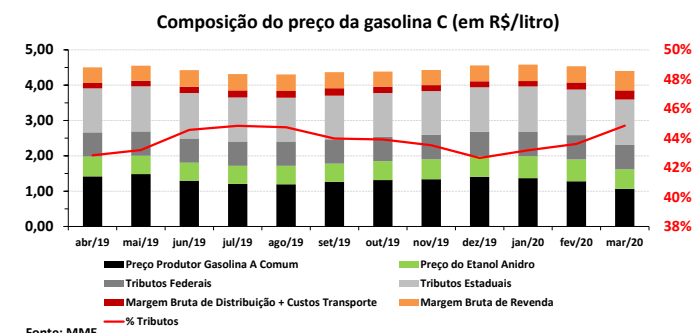
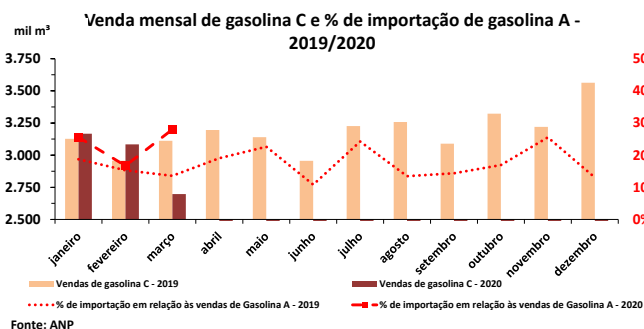
O etanol anidro, adicionado na proporção de 27% na gasolina C, registrou queda de 10,15% nos preços médios na comparação de março de 2020 com dezembro de 2019 (R\$ 2,316/litro), encerrando o trimestre em R\$ 2,081/litro. Houve recuos de 2,78% em janeiro (R\$ 2,252/litro) e 8,45% em março, intercalados por uma elevação de 0,95% em fevereiro (R\$ 2,273/litro). Na comparação com março de 2019 (R\$ 2,010/litro), o preço médio do biocombustível na etapa de produção registrou alta de 3,55%. Ressalte-se que, desde 1º de agosto de 2019, a Petrobrás divulga o reajuste do preço médio da gasolina em seus pontos de abastecimento. Esta divulgação por parte da estatal atende ao disposto na Resolução ANP nº 795/2019, que exige a apresentação de dados de preços relativos à comercialização de derivados de petróleo e biocombustíveis por produtores, importadores e distribuidores.

Com relação aos Preços de Paridade de Importação (PPI) da gasolina, o preço médio PPI nacional apresentou queda de 44,86% no primeiro trimestre de 2020, na comparação com o quarto trimestre de 2019. Houve retração de 3,76% no preço médio PPI em janeiro (R\$ 1,814/litro), de 1,57% em fevereiro (R\$ 1,7856/litro) e de 41,80% em março (R\$ 1,0393/litro).

Quanto à composição do preço da gasolina ao consumidor final, na comparação com o 4º trimestre de 2019, foram verificados avanços, em termos absolutos, nas margens médias brutas de distribuição e de revenda, ao passo que os preços médios do produtor de etanol anidro e de gasolina A registraram recuos. A margem média bruta de revenda encerrou o trimestre em 12,45% do preço de revenda da última semana de março (22/03 a 28/03/2020), enquanto a margem média bruta de distribuição ficou em 5,86% no mesmo período. A parcela dos impostos (estaduais e federais) encerrou o trimestre em 44,86% do preço de revenda, ao passo que a soma das parcelas relativas aos preços de produção do etanol anidro e gasolina A contidos em um litro de combustível, em 36,82%.

O volume total comercializado de gasolina C no primeiro trimestre de 2020 (8,95 milhões de m³) foi 2,69% inferior ao total de vendas no mesmo período de 2019 (9,2 milhões de m³), acompanhando o movimento de queda de 3,33% nas vendas de etanol hidratado na mesma base de comparação. Esta diferença entre o desempenho das vendas da gasolina C e do etanol hidratado pode estar associada à perda da vantagem competitiva do biocombustível sobre a gasolina C em boa parte do período analisado, se estendendo desde meados de janeiro até o fim de março.

No que diz respeito às importações de gasolina A, o volume total importado no 1º trimestre de 2020 foi de 1,52 milhão de m³, volume 42,44% superior ao registrado no mesmo período de 2019 (1,07 milhão de m³). As razões entre o volume importado de gasolina A e o volume de vendas foram de 25,58% em janeiro (591,39 mil m³), 16,71% em fevereiro (376,24 mil m³) e 27,98% em março (550,90 mil m³).

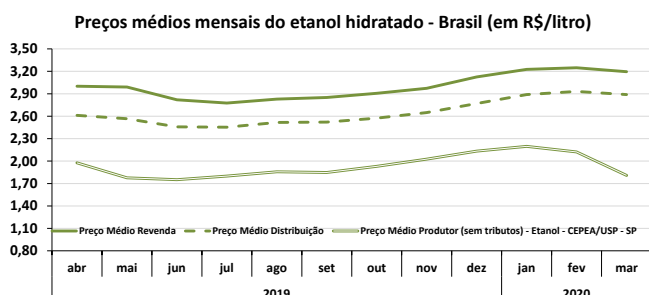


ETANOL HIDRATADO

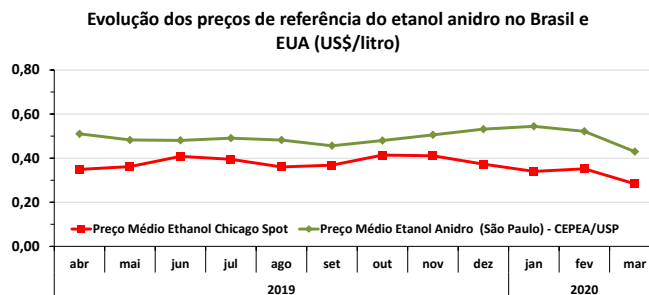
Preço médio de produção do etanol hidratado no primeiro trimestre de 2020 registrou queda de 15,18%, influenciado pelo mercado externo e efeitos colaterais do novo coronavírus

Na etapa de revenda, o preço médio do etanol hidratado variou positivamente em 2,27% ao longo do primeiro trimestre de 2020, tendo saído de R\$ 3,125/litro em dezembro de 2019 para R\$ 3,196/litro em março de 2020. Houve registro de alta no preço do biocombustível nos meses de janeiro e fevereiro, respectivamente de 3,23% e 0,68%, e de queda de 1,60% em março, tendência similar à observada nos preços de distribuição. Na comparação anual, confrontando os preços de março de 2019 com março de 2020, o preço do biocombustível registrou avanço de 8,34%.

Na etapa de distribuição, o preço médio do etanol hidratado apresentou alta de 4,30%, tendo passado de R\$ 2,770/litro em dezembro de 2019 para R\$ 2,889/litro em março de 2020. Verificou-se elevação no preço do etanol hidratado no valor de 4,33% em janeiro e de 1,42% em fevereiro, e queda de 1,43% em março. Na comparação anual, o preço do biocombustível registrou aumento de 10,56%, passando de R\$ 2,613/litro em março de 2019 para R\$ 2,889/litro em março de 2020.



Fonte: SDC/ANP e CEPEA/USP



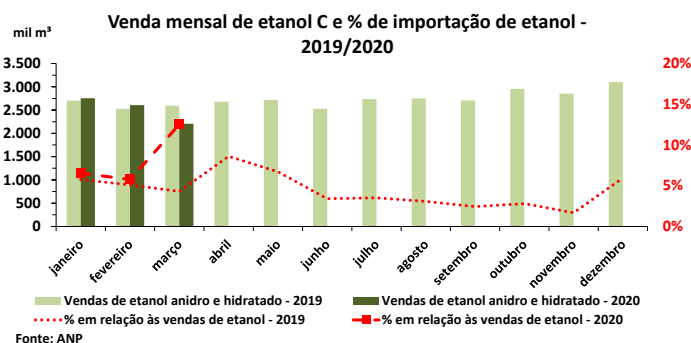
Fonte: Argus e CEPEA/USP

Já na etapa de produção, segundo o CEPEA/USP, o preço médio do biocombustível apresentou decréscimo de 15,18% ao longo do primeiro trimestre de 2020, passando de R\$ 2,133/litro em dezembro de 2019 para R\$ 1,809/litro em março de 2020. Em janeiro (R\$ 2,197/litro), foi registrado avanço de 2,99%, e em fevereiro (R\$ 2,123/litro) e março, recuos de 3,36% e 14,78%, respectivamente. Na comparação anual, o preço médio de produção do etanol hidratado recuou 6,20%, quando estava precificado a R\$ 1,929/litro em março de 2019.

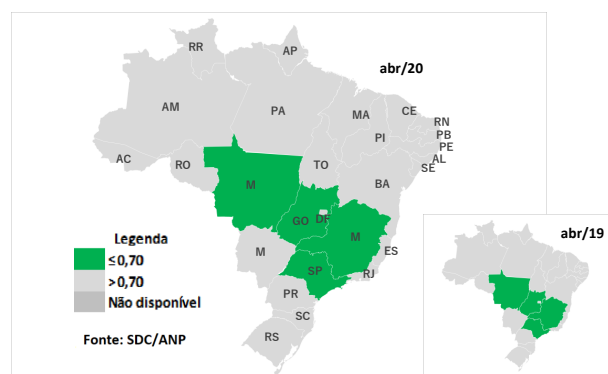
Segundo o Relatório Quinzenal da ÚNICA (posição até 01/04/2020), o movimento decrescente do preço do etanol hidratado na etapa de produção nos meses de fevereiro e março é explicado por dois grandes fatores: a disputa comercial entre Rússia e Arábia Saudita, que pressionou os preços do petróleo e seus derivados e afetou negativamente a paridade entre etanol e gasolina nos primeiros meses do ano; e as medidas de contenção do novo coronavírus, que impactaram o consumo de combustíveis leves no mercado doméstico. Ainda assim, a produção de etanol total na safra 2019/2020 foi de expressivos 33,26 bilhões de litros, aumento de 7,45% em relação à safra do ano anterior (30,95 bilhões de litros), sendo: 23,31 bilhões de litros de etanol hidratado (+6,88%) e 9,95 bilhões de litros de etanol anidro (+8,80%). A safra 2019/2020 consolidou uma alta de 3,00% da moagem da cana-de-açúcar e a maior produção de etanol já realizada pelo setor sucroenergético. Do total de cana processada na safra, 65,67% se destinou à produção de etanol contra 64,79% na safra anterior.

O volume de etanol hidratado comercializado no primeiro trimestre de 2020 foi de 7,57 milhões de m³ frente a 7,83 milhões de m³ do biocombustível vendidos de janeiro a março de 2019, contabilizando uma variação negativa de 3,33% na comparação anual. Na comparação com o quarto trimestre de 2019 (8,90 milhões de m³), o volume de vendas foi 15,01% inferior.

A importação de etanol total durante o primeiro trimestre de 2020 alcançou 606,7 mil m³, alta de 53,12% em relação ao volume importado nos três primeiros meses de 2019 (396,2 mil m³) e valor 92,14% acima do registrado no quarto trimestre do mesmo ano. Ressalta-se que em outubro de 2019 a Secretaria Executiva da Câmara de Comércio Exterior (CAMEX) estabeleceu a periodicidade de importação de etanol (anidro + hidratado) isento de taxa de 20% em volume máximo de 750 mil m³ entre ago/19 e ago/20, de forma que o limite para o período de 1º de março a 31 de maio de 2020 foi firmado em 275 mil m³. No primeiro trimestre de 2020 as importações corresponderam, respectivamente, a 6,53% das vendas em janeiro (180 mil m³), 5,77% em fevereiro (150,4 mil m³) e 12,52% em março (276,2 mil m³).



Fonte: ANP



ÓLEO DIESEL S500

No primeiro trimestre de 2020, vendas do diesel cresceram 2,52% em relação ao 1º trimestre de 2019, com alta de 39,86% do volume importado

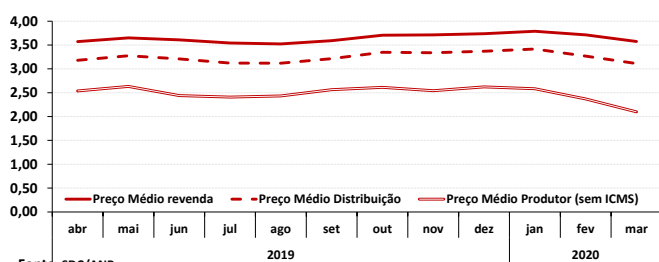
No primeiro trimestre de 2020, o total de vendas de diesel B apresentou crescimento de 2,52%, enquanto o volume importado de diesel A registrou aumento de 39,86% em relação ao mesmo período de 2019. Na mesma base de comparação, o preço do óleo diesel apresentou queda de 15,76% em relação a mar/2019 na etapa de produção, e alta de 1,25% na etapa de revenda.

Os preços médios de revenda do óleo diesel S500 apresentaram retração de 4,36% ao longo do primeiro trimestre de 2020, para R\$ 3,574/litro no mês de março. Essa variação foi composta de elevação no mês de janeiro (1,36%,) e recuo nos meses de fevereiro (-1,95%) e março (-3,77%), tendência similar à verificada para os preços médios de distribuição. O preço médio simples de revenda do 1º trimestre de 2020 foi de R\$ 3,692/litro, valor 0,71% inferior à média do período de outubro a dezembro de 2019 (R\$ 3,718/litro).

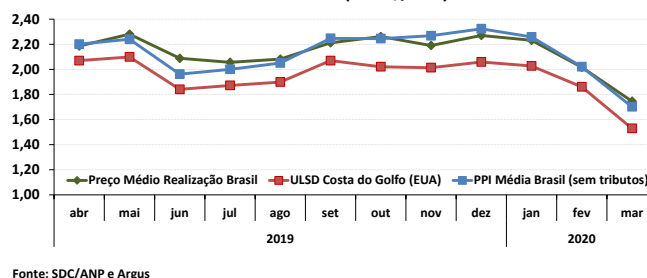
Na etapa de distribuição, o preço médio do óleo diesel apresentou queda de 7,71% no trimestre, tendo passado de R\$ 3,371/litro em dezembro/19 para R\$ 3,111/litro em março/20. Na comparação com o mês anterior, janeiro registrou variação positiva (1,31%) enquanto os meses de fevereiro e março apresentaram variações negativas (de 4,30% e 4,80%, respectivamente). No comparativo entre mar/20 e mar/19 (R\$ 3,165/litro), o preço médio de distribuição apresentou recuo de 1,71%. Comparando-se a média trimestral de janeiro a março de 2020 com a média entre outubro e dezembro de 2019, houve baixa de 2,60% no preço médio de comercialização do combustível.

O preço médio de produção do óleo diesel (sem ICMS) passou de R\$ 2,622/litro em dezembro/19 para R\$ 2,098/litro em março/20, queda de 19,98% ao longo deste primeiro trimestre de 2020. Em todos os meses do trimestre houve variação mensal negativa: -1,47% em janeiro, -8,31% em fevereiro e -11,42% em março. Na comparação anual, o preço de produção em mar/20 registrou queda 15,76%, com baixa de R\$ 0,392/litro em relação ao mês de março de 2019. Na média trimestral dos preços entre janeiro e março de 2020, R\$ 2,350/litro, houve recuo de 9,35% quando comparado com o 4º trimestre de 2019 (R\$ 2,592/litro).

Preços médios mensais do diesel - Brasil (em R\$/litro)



Comparação dos preços do diesel nos Mercados Internacional e Nacional e PPI (em R\$/litro)



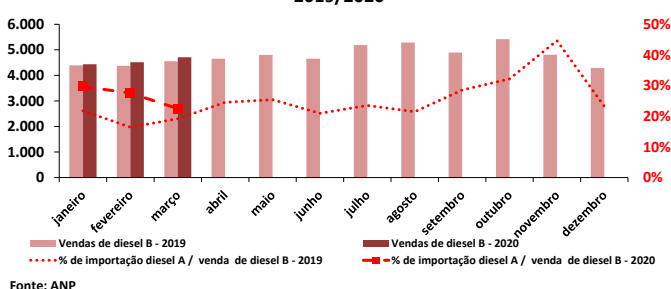
Com relação aos Preços de Paridade de Importação (PPI) do óleo diesel, o preço médio PPI nacional, calculado a partir da média simples dos preços médios PPI praticados nos portos considerados, apresentou queda de 26,76% ao longo do primeiro trimestre (média mensal mar/20 versus dez/19). Na comparação dos preços médios trimestrais, a alta foi de 12,51% no primeiro trimestre, na comparação com o trimestre anterior.

No que tange à composição do preço do diesel ao consumidor final, as margens brutas médias de revenda e de distribuição aumentaram, em termos absolutos, tanto ao longo do primeiro trimestre de 2020 quanto em termos da média trimestral, na comparação com o período anterior. As médias trimestrais das margens de revenda e distribuição, medidas na última semanas de cada mês, foram de R\$ 0,46 e R\$ 0,24, respectivamente, frente a R\$ 0,37 e R\$ 0,23 no trimestre anterior. Nas mesmas bases de comparação, a parcela do preço do produtor apresentou recuo, R\$ 1,76 na média do 1º trimestre de 2020 frente a R\$ 2,01 na média do trimestre anterior.

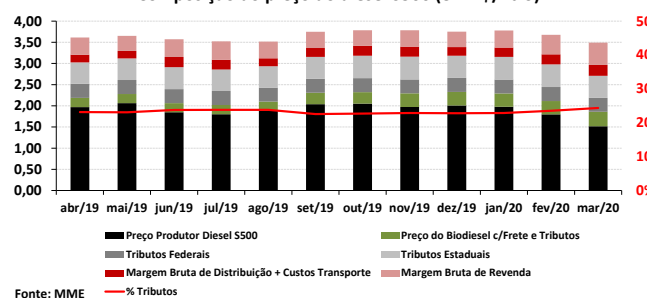
O volume total comercializado de diesel no primeiro trimestre de 2020 (13.658 mil m³) foi 5,88% inferior ao registrado no período imediatamente anterior (14.511 mil m³), e 2,52% superior ao observado no primeiro trimestre de 2019 (13.321 mil m³).

O volume total importado de diesel A apresentou crescimento de 39,86% na comparação do primeiro trimestre de 2020 com o mesmo período do ano anterior. As importações corresponderam a 22,00% do diesel vendido em março de 2020, percentual inferior ao verificado em dezembro de 2019 (22,95%) e superior ao verificado em março de 2019 (19,18%).

Venda mensal de diesel e % de importação de óleo diesel A - 2019/2020



Composição do preço do diesel S500 (em R\$/litro)



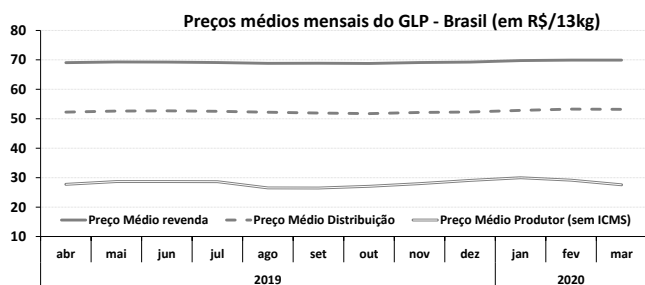
GLP

Volume importado de GLP no primeiro trimestre de 2020 registrou queda de 32,80% em relação ao mesmo período de 2019

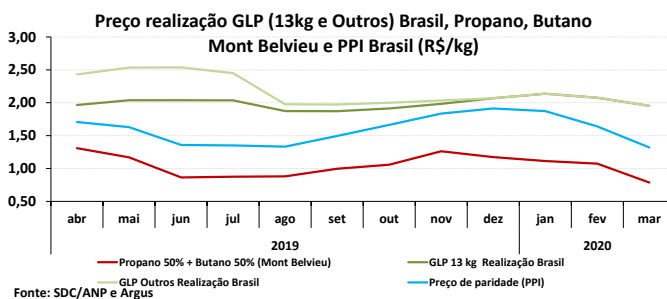
O preço médio de revenda do GLP P-13 foi de R\$ 69,94/13kg em março de 2020, variação positiva de 1,01% ao longo do trimestre, frente a R\$ 69,24/13kg em dezembro de 2019. Todos os meses do primeiro trimestre tiveram variações mensais positivas: 0,73% em janeiro (para R\$ 69,74/13kg), 0,24% em fevereiro (para R\$ 69,91/13kg) e 0,04% em março. Na comparação anual, o preço médio de comercialização do GLP de uso residencial variou positivamente em 1,11% em relação a março de 2019. Em termos de médias trimestrais, houve um avanço de 1,19% no preço médio de revenda, negociado a R\$ 69,86/13kg no período em análise, ante R\$ 69,04/13kg no trimestre imediatamente anterior.

O preço médio de distribuição do derivado apresentou elevação de 1,71% na comparação do primeiro trimestre de 2020 com o trimestre imediatamente anterior, saindo de R\$ 52,32/13kg em dez/19 para R\$ 53,21/13kg em mar/20. Houve variações mensais positivas de 0,99% e 0,82%, respectivamente, em janeiro e fevereiro, e variação negativa de 0,10% em março. Na comparação anual, o preço médio de distribuição do GLP de uso residencial variou positivamente em 1,77% em relação a março de 2019. Em termos de médias trimestrais, na comparação da média do primeiro trimestre de 2020 (R\$ 53,11/13kg) com a registrada para o período imediatamente anterior (R\$ 52,07/13kg) apurou-se avanço de 1,98%.

Na etapa de produção, o preço médio nacional do GLP recuou de R\$ 29,06/13kg em dez/19 para R\$ 27,57/13kg em mar/20, retração de 5,14% no período. Na comparação mensal, o preço médio do produtor apresentou alta de 3,09% em janeiro (para R\$ 29,96/13kg) e baixas de 2,65% em fevereiro (para R\$ 29,17/13kg) e de 5,48% em março. Na comparação anual, variou negativamente em 0,58% em relação a março de 2019. Ressaltando que, a partir de março de 2020, a ANP unificou o preço do gás liquefeito de petróleo em função do disposto na Resolução CNPE nº 17, de 29/08/2019, que encerrou, em 01/03/2020, a prática de preços diferenciados para o GLP destinado ao uso doméstico e acondicionado em recipientes transportáveis de capacidade de até 13 kg.



* A partir de março de 2020, a ANP unificou o preço do gás liquefeito de petróleo em função do disposto na Resolução CNPE nº 17, de 29/08/2019, que encerrou, em 01/03/2020, a prática de preços diferenciados para o GLP destinado ao uso doméstico e acondicionado em recipientes transportáveis de capacidade de até 13 kg.



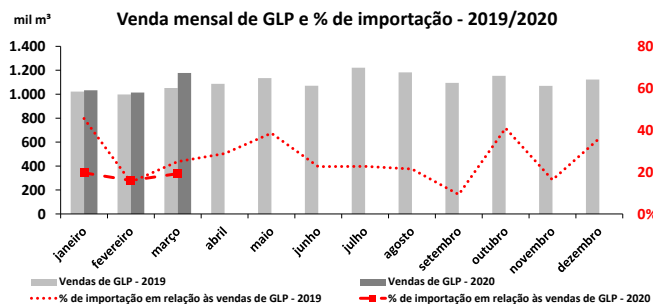
* A partir de março de 2020, a ANP unificou o preço do gás liquefeito de petróleo em função do disposto na Resolução CNPE nº 17, de 29/08/2019, que encerrou, em 01/03/2020, a prática de preços diferenciados para o GLP destinado ao uso doméstico e acondicionado em recipientes transportáveis de capacidade de até 13 kg.

O preço de realização do GLP, que é o preço do produtor sem impostos, foi de R\$ 25,39/13kg para o mês de março de 2020, apontando uma variação negativa de 5,56% ao longo do trimestre (R\$ 26,88/13kg em dez/19). Quanto ao preço de paridade de importação (PPI), que leva em conta os terminais de Suape e Santos, em março o valor médio foi de R\$ 17,1548/13kg, queda de 31,05% em relação ao valor de dezembro de 2019 (R\$ 24,8794/13kg). Já o preço de realização do GLP em março no mercado nacional foi de R\$ 1,95/kg, enquanto o preço do butano/propano no mercado europeu mais a margem de 5% no mesmo período foi de R\$ 0,83/kg, representando 42,34% do preço de realização nacional.

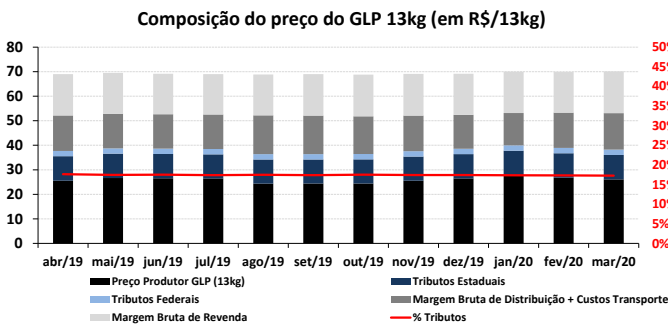
Quanto à composição dos preços do GLP P-13 em jan/20, a margem bruta média de revenda e a margem bruta média de distribuição representaram, respectivamente, 24,07% e 18,82%, ao passo que a soma dos tributos estaduais e federais correspondeu a 17,34% do valor de revenda do GLP P-13 no mês. Em fevereiro de 2020, a margem bruta de revenda foi equivalente a 23,71% do preço final de comercialização e a margem bruta de distribuição representou 20,61% do mesmo, com os tributos federais e estaduais totalizando 17,33% do preço final ao consumidor. Em mar/20, as margens brutas de revenda e distribuição corresponderam, respectivamente, a 24,24% e 21,21% do preço final de comercialização, enquanto os tributos federais e estaduais representaram 17,27% desse mesmo total.

O volume comercializado de GLP P-13 no primeiro trimestre de 2020 totalizou 3.224,7 mil m³, recuo de 3,62% em relação ao trimestre imediatamente anterior e avanço de 4,97% em relação ao primeiro trimestre de 2019. O total de vendas de GLP no mês de março de 2020 (1.177,6 mil m³) avançou 4,91% e 11,91%, respectivamente, na comparação com dezembro de 2019 e com o março de 2019.

No primeiro trimestre de 2020, o volume total importado de GLP apresentou queda de 32,80% e de 43,76%, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano anterior e com o quarto trimestre de 2019. As importações corresponderam a 19,21% do GLP vendido em março de 2020, percentual inferior ao verificado em dezembro de 2019 (36,04%) e em março de 2019 (24,98%).



Fonte: ANP



PETRÓLEO

Volume de produção e saldo na balança comercial do petróleo alcançaram os maiores valores para primeiros trimestres da série histórica iniciada em 2000; preços e demanda mundial caíram com o rompimento do acordo entre a OPEP e a Rússia

No primeiro trimestre de 2020, a produção nacional de petróleo foi de 276,6 milhões de barris, equivalentes a 3,04 milhões b/d, maior patamar para os primeiros três meses do ano de toda a série histórica iniciada em 2000. Na comparação com o primeiro trimestre de 2019 (2,56 milhões b/d), houve uma elevação de 18,6%.

No comércio internacional, o Brasil teve um saldo positivo (volume exportado menos o importado) de 102,3 milhões de barris no primeiro trimestre de 2020, volume equivalente a 1,1 milhão b/d, recorde para a série histórica iniciada em 2000 e que corresponde a um crescimento de 26,8% em relação ao saldo obtido no 1º trimestre de 2019.

As exportações de petróleo brasileiro totalizaram 115,4 milhões de barris, ou 1,3 milhão b/d no primeiro trimestre de 2020, também o maior volume da série histórica para os primeiros três meses do ano, representando crescimento de 18,2% em relação ao registrado no mesmo período de 2019. Já as importações de petróleo no mesmo período totalizaram 13,1 milhões de barris, ou 144 mil b/d, segundo menor valor da série histórica, superior apenas ao registrado em 2017.

Em termos de valores, o saldo da balança comercial para o produto petróleo no primeiro trimestre de 2020 foi de US\$ 5,2 bilhões, valor recorde para primeiros trimestres do ano na série histórica iniciada em 2000 e 15,2% superior ao verificado no mesmo período de 2019. Com relação aos derivados de petróleo, o somatório dos saldos da balança comercial de todos esses produtos, no mesmo período, foi deficitário em US\$ 1,15 bilhão, melhor resultado para primeiros trimestres desde 2016 (déficit de US\$ 1,02 bilhão).

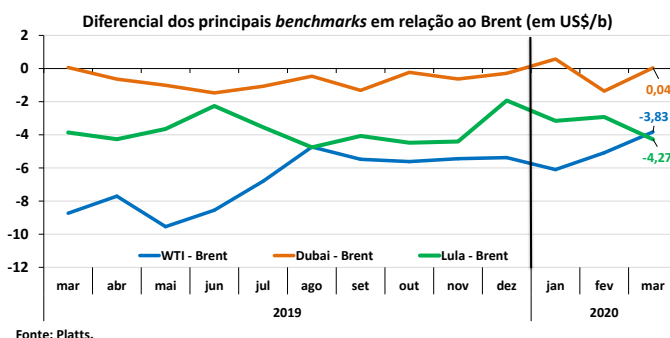
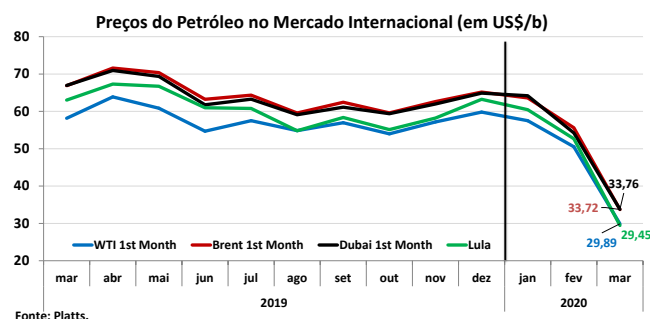
Conforme destacado no tema desse boletim, a partir do dia 06 de março último, os preços do petróleo no mercado internacional iniciaram uma trajetória de sucessivas quedas ao longo do mês, no mais forte movimento de declínio dos preços da *commodity* em 30 anos. Segundo amplamente divulgado pela mídia, a queda dos preços resultou do anúncio da expansão da produção de petróleo pela Arábia Saudita, após a Rússia anunciar que não iria respeitar a proposta inicial da Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEP de redução da oferta global de petróleo em 1,5 milhão de b/d. A proposta de redução apresentada pela OPEP teria por objetivo responder à desaceleração da economia mundial por conta da crise, evitando justamente quedas mais expressivas nos preços do petróleo.

Como consequência desses acontecimentos, na comparação da cotação média no mês de mar/2020 em relação à observada em fev/2020, os preços do ICE Brent caíram 39,2%, para US\$ 33,73 por barril na média de março, e mesmo o NYMEX WTI recuou 39,8%, para US\$ 30,45 por barril, na mesma base de comparação. O valor da cesta de referência da OPEP, que inclui cotações de petróleo referente a óleos oriundos de diversos países, por sua vez, apresentou queda de 38,9%, para US\$ 33,92 por barril. A Energy International Agency - EIA estima que as médias mensais do Brent devem ficar em US\$ 37/b no segundo semestre de 2020, e subir para US\$ 48/b em 2021.

A despeito da expansão das exportações brasileiras de petróleo, segundo a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), no primeiro trimestre de 2020 a demanda mundial por petróleo apresentou contração de 6,4 milhões de b/d em comparação com o mesmo período de 2019, e a expectativa é que essa demanda apresente queda de 9,1 milhões de b/d na média do ano de 2020 em relação ao ano anterior.

De acordo com a OPEP, o conjunto de países com expectativa de expansão na oferta de petróleo em 2020 se restringe ao Brasil, Noruega, Guiana e Austrália.

O Fundo Monetário Internacional projetou, em jun/2020, uma redução de 4,9% da economia mundial em 2020, prognóstico que representa uma queda de 1,9 ponto percentual em relação ao realizado pela mesma instituição em abril do corrente ano. Por outro lado, a previsão é de expansão de 5,4% da economia mundial em 2021. Segundo o FMI, esse prognóstico é 6,5 pontos percentuais inferior ao que a instituição considerava em jan/2020, antes do impacto da pandemia. A instituição destaca, contudo, que há um nível de incerteza maior que o usual nessas projeções, dado que elas se baseiam em hipóteses relativas à evolução da pandemia que, por sua vez, possui um forte componente de imprevisibilidade. Para o Brasil, a projeção do FMI realizada em jun/2020 é de queda de 9,1% em 2020 e expansão de 3,6% em 2021. Para o Ministério da Economia, a expectativa para 2020 é de retração de 4,7% da economia brasileira e, para 2021, crescimento de 3,2%.



GÁS NATURAL

Preços do gás natural registraram baixas históricas nos três principais mercados de referência internacional

A produção brasileira de gás natural no primeiro trimestre de 2020 foi de 129,8 milhões de m³/dia, patamar que corresponde ao maior volume de produção de gás natural em primeiros trimestres da série histórica iniciada em 2000. Na comparação com o primeiro trimestre de 2019, houve elevação de 16,27%, e na comparação com o trimestre imediatamente anterior, retração de 4,05%.

O mês de janeiro registrou produção de 138,8 milhões de m³/dia, maior volume de produção de gás natural para meses de janeiro da série iniciada em 2000. O volume produzido recuou nos meses seguintes, para 128,9 milhões de m³/dia em fevereiro e 121,7 milhões de m³/dia em março - mantendo, contudo, o patamar de maiores volumes produzidos para os respectivos meses da série histórica.

As importações de gás natural totalizaram 24,8 milhões de m³/dia no primeiro trimestre de 2020, volume que representa aumento de 8,70% em relação ao primeiro trimestre de 2019. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, houve queda de 25,93% no volume importado.

Em termos de valores, as importações de gás natural totalizaram um dispêndio de R\$ 427,5 milhões de reais no primeiro trimestre de 2020, valor que correspondeu a uma redução de 15,16% em relação ao montante destinado às importações do produto no primeiro trimestre de 2019.

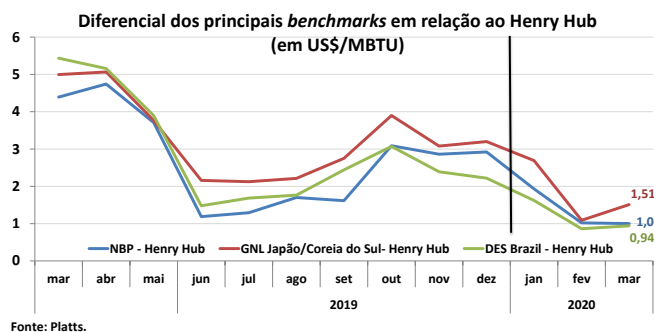
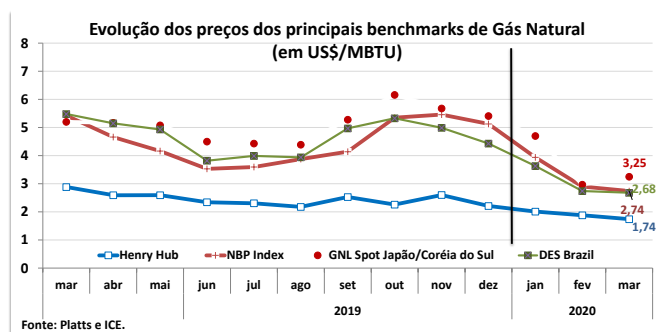
De acordo com a International Energy Agency – IEA, a demanda de gás natural na Europa no primeiro trimestre de 2020 apresentou queda de mais de 3% nos setores residencial e comercial, na comparação com o primeiro trimestre de 2019, ao passo que nos Estados Unidos essa queda foi de 14%, principalmente por conta das temperaturas acima da média durante o inverno³².

A IEA projeta uma redução de 150 bilhões de m³/ano, ou 4%, na demanda mundial de gás natural, o que seria, segundo a agência, a maior queda anual no consumo mundial de gás natural desde a metade do século passado, duas vezes superior à queda verificada em razão da crise de 2009, principalmente por conta do impacto da redução da demanda de gás natural por usinas de geração de energia. A agência também projeta efeitos de longo-prazo da pandemia de COVID-19 na demanda de gás natural.

Destarte, as principais cotações de gás natural no mercado internacional – Henry Hub Natural Gas (EUA), NBP (Reino Unido), GNL Spot Japão/Coréia do Sul - apresentaram trajetória de queda no primeiro trimestre de 2020. Em termos de médias trimestrais, todas essas cotações apresentaram recuos tanto em relação à média do trimestre imediatamente anterior quanto em relação ao primeiro trimestre de 2019. O Henry Hub Natural Gas recuou 34,69% em relação ao primeiro trimestre de 2019 e 20,43% em relação ao trimestre imediatamente anterior; para o NBP, essas quedas foram de 51,13% e 39,90%, respectivamente, e para o GNL Spot Japão/Coréia do Sul, de 44,74% e 36,62%.

Adicionalmente, segundo relatório da OPEP, os preços do gás natural na Title Transfer Facility, uma das principais referências para o gás natural europeu, apresentaram cotação média de US\$ 2,7/mmbtu no mesmo período³³, queda de 50% em relação ao primeiro trimestre de 2019.

Em termos de variação mensal, na comparação com o mês imediatamente anterior, tanto o Henry Hub Natural Gas (EUA) quanto o NBP (Reino Unido) apresentaram recuos mais intensos nos meses de janeiro/2020 (-9,05% e -23,20%) e fevereiro/2020 (-6,97% e -26,39%) que em março (-6,74% e -5,52%). No caso do GNL Spot Japão/Coréia do Sul, houve quedas em janeiro (-12,80%) e fevereiro (-36,81%) e elevação em março (9,43%).



³² Gas 2020, International Energy Agency. Disponível em: https://webstore.iea.org/download/direct/3005?fileName=Gas_2020.pdf

³³ Opec Monthly Oil Market Report – Abril. Disponível em:

https://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/OPEC_MOMR_Apr_2020.pdf

		Unidade	dez/19	jan/20	fev/20	mar/20	Variação % (mar-20/dez-19)	Variação % 12 meses (mar-20/mar-19)
Petróleo	WTI 1st Month	US\$/b	59,80	57,52	50,53	29,89	-50,02%	-48,59%
	Brent 1st Month	US\$/b	65,18	63,62	55,61	33,72	-48,27%	-49,58%
	Dubai 1st Month	US\$/b	64,89	64,19	54,25	33,76	-47,98%	-49,57%
Gás Natural	Henry Hub	US\$/MBTU	2,22	2,01	1,88	1,74	-21,23%	-39,52%
	NBP Index	US\$/MBTU	5,13	3,94	2,90	2,74	-46,51%	-49,42%
	GNL Spot Japão/ Coréia do Sul	US\$/MBTU	5,39	4,70	2,97	3,25	-39,70%	-37,50%
Gasolina	Preço Médio de Revenda	R\$/l	4,531	4,579	4,550	4,462	-1,52%	3,65%
	Preço Médio do Distribuidor	R\$/l	4,089	4,129	4,076	3,996	-2,27%	3,20%
	Preço Médio do Produtor* (sem ICMS)	R\$/l	2,825	2,782	2,650	2,324	-17,75%	-13,44%
	Preço Médio de Realização (sem Tributos)	R\$/l	1,933	1,890	1,757	1,431	-25,95%	-20,14%
	PPI Média Brasil	R\$/l	1,885	1,814	1,786	1,039	-44,86%	96,34%
Diesel	Preço Médio de Revenda	R\$/l	3,737	3,788	3,714	3,574	-4,36%	1,25%
	Preço Médio do Distribuidor	R\$/l	3,371	3,415	3,268	3,111	-7,71%	-1,71%
	Preço Médio do Produtor* (sem ICMS)	R\$/l	2,622	2,583	2,368	2,098	-19,98%	-15,76%
	Preço Médio de Realização (sem Tributos)	R\$/l	2,270	2,231	2,017	1,746	-23,07%	-18,35%
	PPI Média Brasil	R\$/l	2,323	2,259	2,021	1,702	-26,76%	159,10%
GLP	Preço Médio Revendedor P-13	R\$/13 kg	69,24	69,74	69,91	69,94	1,01%	1,11%
	Preço Médio Distribuidor P-13	R\$/13 kg	52,32	52,83	53,27	53,21	1,71%	1,77%
	Preço Médio Produtor P-13*** (sem ICMS)	R\$/13 kg	29,06	29,96	29,17	-	-	-
	Preço Médio de Realização P-13*** (sem Tributos)	R\$/kg	2,07	2,14	2,08	-	-	-
	Preço Médio de Realização P-Outros*** (sem Tributos)	R\$/kg	2,07	2,14	2,08	-	-	-
	PPI Média Brasil	R\$/kg	1,91	1,87	1,64	1,32	-31,05%	-20,28%
Etanol	Preço de Revenda Brasil	R\$/l	3,125	3,226	3,248	3,196	2,27%	8,34%
	Preço Médio do Distribuidor Brasil	R\$/l	2,770	2,890	2,931	2,889	4,30%	10,56%
	Preço Médio do Produtor SP** (com Tributos)	R\$/l	2,133	2,197	2,254	1,940	-9,05%	0,58%
	Preço Médio Etanol Anidro Chicago	R\$/l	1,530	1,408	1,524	1,384	-9,55%	0,38%

* O preço médio do produtor calculado pela ANP exclui o ICMS.

** Médias de preços semanais para etanol hidratado no estado de São Paulo, publicados pelo CEPEA/USP (que não incluem frete e impostos), acrescidos do valor de PIS/Cofins.

*** A partir de mar/2020, não houve mais prática de preços diferenciados para o GLP destinado ao uso doméstico e acondicionado em recipientes transportáveis de capacidade de até 13 kg.